

Milênios: O que os envolve no processo de aprendizagem?
Millennium: What Engages them in the Learning Process?
Milenios: ¿qué los involucra en el proceso de aprendizaje?

Aparecido Francisco de Sales¹

Vanessa Ferreira Lemos²

Onofrio Notarnicola Filho³

Luiz Campos Fernandes⁴

Prof. Dr. Denis Forte⁵

¹ Mestrando Universidade Presbiteriana Mackenzie – Bolsista parcial do Banco Itaú

² Mestranda Universidade Presbiteriana Mackenzie – Bolsista CAPES

³ Mestrando Universidade Presbiteriana Mackenzie – Bolsista CAPES

⁴ Mestrando Universidade Presbiteriana Mackenzie

⁵ Professor Pesquisador em Finanças Estratégicas do PPGA da Universidade Presbiteriana Mackenzie

E-mail para contato: aparecido.sales@gmail.com

RESUMO

No dia a dia acadêmico são inúmeras as observações e preocupações dos diversos atores e da mídia especializada em educação sobre a geração Milênio, buscando entender os choques das gerações que ingressam no Ensino Superior. O artigo explora como se dá e em que circunstâncias este fenômeno ocorre nas relações alunos e professor. Essencialmente, quanto às práticas docentes no ensino superior estimulam e promovem o interesse, engajamento e satisfação dos alunos-milênios através de uma pesquisa exploratória quantitativa, com 106 alunos em quatro diferentes salas de aula acompanhadas ao longo de um semestre. A conclusão é positiva, com dados relevantes quanto ao perfil, modelo de aula e principalmente sobre a preferência desta geração com relação a forma e como os conteúdos são transmitidos e aprendidos.

Palavras-chave: Aluno-Milênio. Geração-Milênio. Nativos-Digitais, Aprendizagem.

ABSTRACT

In the academic day-to-day, there are numerous observations and concerns of the various actors and media specialized in education about the Millennium generation, seeking to understand the shocks of the generations that enter Higher Education. The present article explores how and in what circumstances this phenomenon occurs in student and teacher relations in the classroom. Essentially, the teaching practices in higher education are stimulating and promote the interest, engagement and satisfaction of students-millennia through a quantitative exploratory research, with 106 students in four different classrooms accompanied throughout a semester. The conclusion is positive, with relevant data regarding the profile, classroom model and mainly about the preference of this generation with respect to the form and how the contents are transmitted and learned.

Keywords: Student-Millennium. Generation-Millennium. Native-Digital, Learning.

RESUMEN

En el día a día académico hay innumerables observaciones y preocupaciones de los diversos actores y medios especializados en educación sobre la generación del Milenio, que buscan comprender los choques de las generaciones que entran en la Enseñanza Superior. Este artículo explora las circunstancias y relaciones entre alumnos y profesores en el aula, las prácticas y medios de interés, aprendizaje y satisfacción, los medios de comunicación con la explotación de datos cuantitativos obtenidos con 106 alumnos. La conclusión es positiva, con informaciones relevantes sobre el perfil, modelo y, sobre todo, sobre una preferencia de esta generación en relación a la forma y los contenidos son transmitidos y aprendidos.

Palabras clave: Alumno-Milenio. Generación del Milenio. Nativos-Digitales, Aprendizaje

1. Introdução

Ao longo da história o processo de ensino sofreu mudanças enfatizando, em sua estrutura curricular, conexões com as exigências do mundo do trabalho, cada vez mais automatizado, competitivo e volátil. Nesse sentido, não tem sido exigido que o aluno "pense" ou "elabore", apenas decore fórmulas para atender situações específicas, dentre as quais o vestibular para acesso ao nível superior é, possivelmente, o maior exemplo. (SILVA JUNIOR et al., 2011 e DIAS e NUNES, 2017).

O cenário atual dominado pela tecnologia somado à facilidade de acesso à informação faz com o que o jovem não sinta necessidade em aprender e compreender conceitos e fórmulas, pois pode encontrar qualquer informação na "ponta dos dedos". Outrora, era essencial tê-la na "ponta da língua"!

O Brasil superou a marca de um smartphone por habitante, são 220 milhões de celulares inteligentes ativos, de acordo com a 29ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), divulgada em abril de 2018. Nessa pesquisa, a FGV estimou que são 174 milhões de computadores no Brasil, indicando que 5/6 ou 83% da população possuem ou um computador de mesa ou notebooks ou tablets (MEIRELLES, 2018).

O'Bannon e Thomas (2014) verificaram que, em uma amostra com 7.486 professores de 12 escolas em dois estados do sudeste dos Estados Unidos (Kentucky e Tennessee), 76,8% possuíam um smartphone, enquanto 23,2% possuíam um telefone básico. Estes números nos mostram que a realidade tecnológica é de conectividade, velocidade e muito acesso a todos os tipos de informações possíveis e disponíveis. E, obviamente, esta nova realidade impacta o ambiente educacional, principalmente, no ensino superior que prepara futuros profissionais para um mercado cada vez mais exigente.

Além da questão tecnológica, o conceito de gerações fornece importantes elementos para a compreensão das diferentes perspectivas existentes na relação entre professor-aluno e pode explicar a adaptação ou não dos professores aos novos tempos.

Nesse mesmo estudo, O'Bannon e Thomas (2014) constataram, no entanto, que os professores com 50 anos ou mais são menos favoráveis ao uso de celulares em sala de aula, enquanto que aqueles com menos de 50 anos são significativamente mais favoráveis.

Contudo, o ambiente de tecnologia de ponta e acessibilidade à boa parte da população alteraram a prática docente em sala de aula? É possível que, mesmo com todo o aparato tecnológico disponível nas universidades, o método tradicional de aulas expositivas ainda seja predominante?

Para responder essas perguntas tomou-se como base 64 horas de observações em sala de aula em 3 turmas de um curso de Graduação em Administração de Empresas e 1 turma de um curso de Ciências Contábeis de uma grande universidade privada de São Paulo. Notou-se que o ambiente educacional pouco se adaptou ao uso de tecnologias nas práticas metodológicas, colocando de um lado os alunos, pertencentes a uma nova geração, chamados de geração Y ou milênios e do outro lado, os professores, pertencentes a outra geração que, mesmo quando buscam utilizar diferentes práticas metodológicas para promover envolvimento, despertar a atenção e o interesse pelo conteúdo exposto, na maioria das vezes, não é bem-sucedida.

Enquanto muitos educadores apontam que existe uma incapacidade da geração Y em se concentrar e manter o foco, Prensky (2005), especialista em milênios nos alerta que não se trata de capacidade de atenção e sim de outras necessidades.

Esse artigo busca explorar então como se dá o processo de ensino e aprendizagem com uma amostra da geração milênio.

1.1 As descobertas por meio das observações discentes

As observações discentes, realizadas em quatro diferentes turmas e disciplinas de alunos da graduação, sendo três turmas em Administração de Empresas e uma turma em Ciências Contábeis, demonstraram o quanto é desafiante para os docentes despertar o envolvimento e

interesse dos alunos pelos conteúdos expostos, baseado nos pontos em comum de todas as observações.

A distribuição em sala. Antes de iniciar a aula, os alunos chegam e respeitam um “rito” diário de suas distribuições em sala formando grupos que se mostraram coesos e constantes. Esta forma de organização dos alunos em sala de aula, não favorece a participação e nem a integração entre os alunos e os professores. Alguns alunos se isolam, manifestando sinais de cansaço ou desinteresse pelas aulas.

A frequência. Um aspecto que chama a atenção é em relação às faltas dos alunos, em todas as aulas vários alunos se ausentam, mesmo sendo em disciplinas e turmas diferentes, esse é um hábito que parece ser comum entre os universitários.

A interação. A interação com os professores não ocorre de maneira espontânea, só há algum tipo de participação quando solicitado, ainda assim, muitos demonstram algum grau de apatia. Alguns dos professores observados propõem atividades em grupo, gerando descontração e favorecendo a troca entre alunos e professores.

A atitude. Entre os alunos não ocorre uma postura questionadora, participante ou interessada pelo aprender e, salvo algumas exceções, não se observa uma busca por parte dos alunos em conectar o seu encontro, em um futuro próximo, com o mercado de trabalho e o conteúdo exposto em sala de aula.

Diante desse cenário, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: quais são as práticas docentes no ensino superior mais capazes de promover envolvimento, interesse e satisfação dos alunos-milênios?

A partir disso, buscou-se pesquisar sobre o tema por meio de uma pesquisa quantitativa, baseada em questionário com 19 questões de múltipla escolha, dentre as quais duas de caráter sociodemográfico, tomando como base o referencial teórico apresentada a seguir.

Este artigo está estruturado em 4 partes, sendo a primeira esta introdução, a segunda parte com o referencial teórico, a terceira apresenta o método de pesquisa, análise e discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

2. Referencial teórico

2.1 Formação do professor

Oliveira e Silva (2012) fizeram uma revisão bibliográfica sobre a formação de bacharéis que exercem a profissão docente utilizando como norte a seguinte questão: Que desafios precisam ser enfrentados na formação de docentes para o campo da Educação Profissional e Ensino Superior?

Os autores utilizaram como pressuposto que a formação de professores universitários é similar à do docente do campo da Educação Profissional, pois ambos assumem responsabilidades na educação e formação profissional dos alunos, de forma a torná-los aptos a encarar e superar os desafios.

Já Basei (2011), ao analisar o processo de formação do professor de educação física, diz que "as mudanças significativas se darão somente a partir do momento em que princípios epistemológicos críticos e esclarecedores fundamentarem as ações durante a formação docente". A autora cita que a identidade docente se dá em diversos tempos e espaços na vida do indivíduo com sua história, interpretação, reprodução e renovação de sua cultura e que a opção do indivíduo envolve mais do que a definição do que fazer, mas também quem o indivíduo deseja ser e como inserir-se no contexto profissional e social.

Quando o professor universitário participa de uma formação pedagógica continuada, obtém como resultado a capacidade de reflexão e a tomar consciência de sua ação e de sua trajetória. Nesse sentido, amplia a percepção e os conceitos sobre a atividade docente, com positivos reflexos em seu modo de ensinar (Junges e Behrens, 2016).

Para Oliveira e Silva (2012) os professores capacitados e competentes, ao longo da vida profissional, refinam a capacidade de autodesenvolvimento reflexivo e crítico, reconstruindo sua identidade, revendo suas práticas e adaptando-se às exigências com que defronta, entendendo que o conhecimento, muitas vezes, precisa de um novo significado, com uma postura instigadora e transformadora, com reflexão, questionamentos, críticas e busca de soluções alternativas, revisando e reestruturando conceitos.

Oliveira e Silva (2012) citam que o professor deve considerar os fins sociais e educativos da instituição, a inteligência e habilidade interpessoais, o conhecimento pedagógico, auxiliares da ação docente e o conhecimento do contexto, ou seja, identificar quem são seus alunos.

Os indivíduos que optam pela docência têm motivações como a inquietação, a vivência negativa gerada pela falta de compromisso de um professor e o desejo de contribuir na melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas na área (Basei, 2011).

Em pesquisa sistemática de artigos sobre aprendizagem colaborativa, prática que estimula a autonomia e a construção da aprendizagem e promove a interação entre os estudantes, Klein e Vosgerau (2018), identificaram que o desconhecimento das potencialidades em relação à aprendizagem colaborativa e sua associação com as tecnologias indica carência de formação docente.

A tarefa de ensinar não exige apenas uma capacitação específica, experiência profissional ou bacharelado, mesmo diploma de mestre ou doutor, e sim, competência pedagógica, visto que sua missão é “colaborar eficientemente para que seus alunos aprendam.” (MASETTO, 2012, p. 15).

Para trabalhar na perspectiva educacional inclusiva, o professor deve ser formado com potencial autônomo, visando o incremento da criatividade e ter iniciativa para buscar novos recursos, estratégias e metodologias (POKER E MELLO, 2016).

O pensar sobre a própria prática pedagógica faz parte do processo contínuo de formação, pois alia a investigação ao ensino, podendo levar ao encontro de outras formas de atuação, com reflexos na relação teoria e prática no seu cotidiano, por isso é de importância ímpar o investimento na formação continuada dos docentes (OLIVEIRA E SILVA, 2012).

O uso da tecnologia como ferramenta pedagógica tem como base que, desde o início da formação, os professores sejam encorajados e desafiados a pesquisar e a criar formas para sua utilização tendo como referência a facilidade com que os jovens lidam com o universo tecnológico, o que pede “grande capacidade de adaptação e de criatividade diante das novas interfaces hipertextuais e interativas disponibilizadas pela cibercultura e pelas tecnologias móveis” (LUCENA, 2016).

A complexidade da atuação docente é também impactada por novas tecnologias e formas de produção e disseminação do conhecimento (MASETTO, 2012). A competição pela atenção do aluno, provocada pelo uso de *smartphone*, exige melhor preparação das aulas para “prender” a atenção da geração em sala de aula.

A formação do professor deve contribuir para a lógica de que o currículo deve ser vinculado ao contexto em que se insere e às condições em que se desenvolve. A articulação das tecnologias digitais de informação e comunicação - TDIC ao currículo da formação de

professores deve oportunizar a compreensão da tecnologia de forma a incorporá-la de forma prática (RODRIGUES, DE ALMEIDA E VALENTE, 2017).

Trabalhando com um pequeno grupo de estudantes de doutorado em duas universidades, uma brasileira e outra espanhola, que participaram de um curso de extensão "Introdução à Docência Universitária", Padilha e Zabalza (2016) identificaram que a adoção de tecnologia digital exige que os professores reformulem suas concepções e práticas de ensino e percebam um novo papel do aluno no processo de aprendizagem, o que implica em maior conhecimento sobre os processos cognitivos de seus alunos.

O docente, ao trazer consigo inúmeras e variadas experiências do que é ser professor, deveria fazer esta reflexão do ponto de vista de aluno e de suas necessidades de aprendizagem.

2.2 O processo ensino e aprendizagem

Muito além de verbos e, mais profundos que seus significados, transmitir, instruir e adquirir conhecimento e habilidades, ensinar e aprender são partes da complexa relação comportamental humana que culminam ou não em um objetivo específico de aprendizagem.

Por isso, geralmente, as palavras ensino e aprendizagem vem acompanhadas da palavra processo, devido a intenção em demonstrar que ensino e aprendizagem não ocorrem de maneira estática e tampouco isoladas, e sim, de maneira contínua e integrada como se fossem uma única ação.

No texto sobre o processo de ensino e aprendizagem de Kubo e Botomé (2001) é apresentada uma análise sobre os atos de ensinar e aprender de acordo com uma abordagem comportamental que os entende como ações distintas, mas interativas. Em referência ao trabalho de Bushel (1973) os autores mencionam que é a relação entre o que é feito pelo professor e o que é de fato aprendido pelo aluno que deve ser chamado de ensinar.

A tarefa de ensinar não exige apenas uma capacitação específica, experiência profissional ou bacharelado, mesmo diploma de mestre ou doutor, e sim, competência pedagógica, visto que a missão do professor é "colaborar eficientemente para que seus alunos aprendam." (MASETTO, 2012, p. 15).

Para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça várias ações comportamentais ocorrem e entre os elementos que constituem o ensinar estão os objetivos de ensino, desempenho dos alunos, matérias e condições de ensino, entretanto, o recurso fundamental para que o processo seja efetivo é a relação entre professor e aluno.

2.3 Relação professor-aluno

Ao estudar a relação professor-aluno, Jardimino, Amaral e Lima (2010), identificaram que, além do desafio do professor em estimular os alunos a se envolverem com a disciplina, deve ser preocupar também com o processo avaliativo para aferir o estado real do aprendizado, o desenvolvimento de técnicas e, ainda, utilizar práticas pedagógicas que ampliem a interação professor-aluno e a convivência com as peculiaridades dos alunos.

A expectativa dos alunos e dos professores se concentra em relacionamento de maior qualidade, como constataram Gurland e Evangelista (2015) que, utilizaram como métrica o instrumento Qualidade do relacionamento professor-estudante (*teacher-student relationship quality - TSRQ*). Constataram ainda que, a elevada expectativa provoca o comportamento de seus professores de forma consistente com suas expectativas manifestadas anteriormente.

As formas com que se dá a relação professor-aluno são mediadas pelas abordagens pedagógicas: a tradicional, a comportamentalista, a humanista, a cognitivista e a sociocultural,

porém o “professor deve saber dar significado ao que está sendo estudado” (JARDILINO et al., 2010) de forma que o aluno consiga elaborar o conhecimento cognitivo e desenvolva habilidades formadoras das competências profissionais.

Essas abordagens, cada uma a seu modo, contribuem para o maior ou menor grau de efetividade e eficácia da atuação docente.

A abordagem humanista tem recebido maior atenção, pois implica em uma mediação, atitude de parceira corresponsável no processo ensino-aprendizagem, que pode ser entendida como um trabalho conjunto em vista de um objetivo comum (JARDILINO et al., 2010).

Como resultado, Jardimino et al. (2010) citam a similaridade na percepção dos alunos na sua relação com o professor em sala de aula, a valorização da atuação do professor, cuja docência é fruto de opção profissional e a criatividade que, ao extrapolar o conteúdo dos livros, leva ao aluno a um mundo novo.

O apoio verbal do professor tem significativo efeito no sucesso dos alunos, já que estudo desenvolvido por Guéguen, Martin e Andrea (2015) mostra que, um grupo de alunos que recebeu estímulos positivos, 82% alcançaram o objetivo, enquanto que no grupo controle, apenas 47% chegaram ao resultado esperado, confirmando resultados de estudos anteriores. Esse resultado parece confirmar a importância da relação entre o professor e o aluno.

Tal aspecto também pode ser observado no estudo de segunda ou de língua estrangeira, que, em geral, colocam os alunos em uma posição vulnerável. A importância da relação entre professores e alunos também foi identificada por Kermad e Kang (2018) que afirmam que essa interação contribui para o aprendizado, pois torna o ambiente mais propício e seguro no qual os alunos se sentem confortáveis, confiantes e questionadores.

Considerando a pertinência da abordagem e concisão, cabe transcrever os ensinamentos de Forte e Beni (2017)

embora a autorreflexão e a disposição em aplicar novas técnicas de ensinamentos sejam muito importantes, existe outro elemento chave no contexto do aprimoramento contínuo do docente para promoção da aprendizagem em sala de aula: o treinamento. Segundo Lowman (2004), poucos professores são treinados para ministrar preleções estimulantes, conduzir discussões envolventes e criar relacionamento interpessoal com seus alunos de modo a promover a motivação e aprendizagem independente.

2.4 O professor reflexivo e a mediação pedagógica

A mediação pedagógica é um conjunto de atitudes e comportamentos do professor que o coloca como um facilitador e motivador do processo de aprendizagem e neste contexto, a sua capacidade de refletir sobre suas condutas pedagógicas fará toda diferença nas decisões a serem tomadas quanto as melhores práticas de ensino com um determinado grupo de alunos. (MASETTO, 2010, p. 174)

Essa mediação só acontecerá de maneira efetiva a partir do pensamento reflexivo do professor que permitirá explorar outras estratégias de aprendizagem que poderão ser mais adequadas aos seus alunos, pois “proporciona a conquista de métodos e ferramentas conceituais baseados em diversos saberes para a construção de novos conhecimentos, os quais, são reinvestidos na ação” (FORTE E BENI, (2017).

Uma postura profissional disposta a ampliar conhecimentos e a experimentar outras perspectivas é fundamental para que o professor reflexivo estabeleça um relacionamento de

parceria com seus alunos, no qual ambos são responsáveis pela construção do conhecimento mútuo.

Em sua carta dedicada aos professores, Freire (2001, p. 259) enfatiza a necessidade de aprendizado do professor, o aprender a partir do aprendiz, mas também o aprender quando o professor revê seus pensamentos e suas posições de maneira aberta e humilde para aprimorar suas habilidades

...ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade — razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade — o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

2.5 Tecnologia, ferramenta pedagógica

Focando o estudo na utilização da internet para estudo, pesquisa e trabalho, E. S. G. Oliveira (2017) menciona que os adolescentes têm uma percepção diferenciada do tempo, é uma geração "touch", com um celular conectado à internet e que cabe "à educação saber lidar com ela e às instituições que formam professores prepará-los para esse fascinante desafio que é educá-la".

Ao abordar a técnica da Realidade ampliada - RA, verificou-se que 95,3% dos alunos com idade entre 12 e 22 anos, participantes de uma pesquisa realizada em 11 escolas de ensino médio e treinamento vocacional localizadas na Espanha, possuíam celular. A técnica analisada, segundo os autores gera uma experiência atraente aos alunos, especialmente quando utilizada no processo educacional, pois é possível mesclar realidade e virtualidade em uma experiência de aprendizado inovadora. (FOMBONA; COTO E CALDEVILLA, 2015). Tal aspecto, torna imperiosa a formação dos professores para a utilização da tecnologia como ferramenta para uma educação inovadora, ao encontro dos desejos dos estudantes.

Em estudo realizado por Grossi e Fernandes (2014), foi constatado que as tecnologias digitais têm qualificado o processo na construção do conhecimento. Isso se dá por meio de caminhos diferenciados, permitindo ao professor a assunção de um papel, enquanto educador que, utilizando sua formação e conhecimento, estabelece um diálogo em formato digital em que "a associação da tecnologia e processo de ensino e aprendizagem é que o aluno seja um ator dessa dinâmica e o professor facilitador da aprendizagem em um ambiente de rede colaborativa" (GROSSI E FERNANDES, 2014).

Citando a realidade portuguesa, Sampaio (2016) diz que o governo português criou o Plano Tecnológico da Educação - PTE com o objetivo de patrocinar a escola de futuro, que se assenta em três fundamentos, quais sejam a tecnologia, os conteúdos e a formação. Este último, exige que os professores sejam "formados" para utilizar a tecnologia em sala de aula. Nesse sentido, Lucena (2016) menciona que, desde a formação inicial, os professores precisam ser encorajados, desafiados a pensar, a pesquisar e a criar formas de utilizar a tecnologia nas práticas pedagógicas.

A utilização de tecnologias virtuais como Facebook e YouTube de forma a tornar mais atrativa a disciplina para os estudantes foi objeto de estudo de Quintanilha (2017), que utilizou o Facebook para troca de informações e o YouTube para o compartilhamento de videoaulas de diferentes tópicos no estudo da disciplina.

Como observado pelo autor, com "taxa de participação e *feedback* positivo, os alunos demonstraram interesse e envolvimento" (QUINTANILHA, 2017). Nesse sentido, é recomendado que os professores deem atenção à mudança de comportamento dos jovens alunos da Geração Z e busquem adequar abordagem pedagógica que contemple o uso de tecnologia, pois a maioria dos alunos demonstra claro interesse e habilidade.

Corroborando a percepção sobre o uso da tecnologia como instrumento mediador do processo educacional, Papastergiou (2009) concluiu em estudo com 88 estudantes em Ciência da Computação em uma escola secundária grega que os jogos educativos em computador, ao serem explorados no processo de aprendizagem, melhoram de forma considerável, não só o conhecimento do tópico estudado, como também o aproveitamento, engajamento e interesse do aluno no processo de aprendizagem, confirmando que a motivação dos jovens para os jogos contrasta com a falta de interesse pelos conteúdos curriculares.

2.6 O conceito de gerações

O conceito de gerações em uma perspectiva sociológica foi apresentado, segundo Weller (2010), por Mannheim (1952) que esclarece que o início de uma geração é marcado por discontinuidades importantes em determinada época histórica e institucional e é composta por um grupo de indivíduos semelhantes em idades que experimentaram os mesmos eventos históricos dentro do mesmo período de tempo.

Em seu artigo que abordou as diferentes características das gerações, Washburn (2010) mencionou que as várias gerações não têm fronteiras exatas, alguns autores citam anos de nascimento um pouco diferentes. O autor tratou de 5 gerações distintas: Geração 0.1 (nascidos entre 1901 e 1925), Geração Silenciosa (nascidos entre 1926 e 1945), *Baby Boomers* (nascidos entre 1945 e 1964), Geração X (nascidos entre 1965 e 1981) e Geração Y (nascidos entre 1982 a 2003). Outros autores, chamam os nascidos a partir de 1980 como geração do milênio ou milênios como Kowske, Rasch, e Wiley (2010) para citar alguns.

Prensky (2001) utilizou uma nova terminologia acerca dos nascidos a partir de 1980, os Nativos Digitais. Para ele, os Nativos Digitais nasceram cercado de tecnologia e comparado a eles, os Imigrantes Digitais que não nasceram na era tecnológica, precisaram se adaptar a esta nova realidade. Para o autor, o único e maior problema que a educação enfrenta hoje é que os nossos professores são Imigrantes Digitais, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital) e estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova que tem pouca paciência com palestras, lógica passo-a-passo, e instruções que "ditam o que se fazer".

Neste trabalho será utilizado o termo "aluno-milênio", como uma forma de conciliar este estudante é um nativo digital e o termo Geração Milênio bastante difundido em nossa sociedade atualmente.

Segundo Prensky (2008), os alunos têm outros interesses e, devido às demandas por sua atenção, como música, vídeos, internet, por exemplo, apresentam outro nível de tolerância e necessidades. Os jovens "aprenderam a se concentrar apenas no que lhes interessa e em coisas que os tratam como indivíduos, em vez de como parte de um grupo ou classe (como geralmente fazemos na escola)" e buscam diferenciação, personalização e a individualização (PRENSKY, 2008).

Com relação à realidade brasileira, é adequado observar estudo de Sposito, Souza, e Silva (2014) que, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de 2004 e 2014, verificaram que os jovens na faixa etária dos 18 aos 24 anos têm maior heterogeneidade no âmbito dos estudos, do trabalho e da vida familiar. A inserção desse contingente no ensino

superior os leva a se posicionar num campo universitário heterogêneo e segmentado e a convivência com o mundo do trabalho é um desafio para uma parcela significativa desses jovens.

3. Método de pesquisa e apresentação do resultado

O método utilizado neste estudo é de caráter quantitativo que, de acordo com Creswell (2007), é a pesquisa que adota estratégia sistemática, objetiva e rigorosa para gerar e refinar o conhecimento.

O questionário, com 19 questões objetivas, das quais 2 de caráter sociodemográfico; enquanto que 10 pediam resposta única - RU e 7 questões podiam ter respostas múltiplas - RM, foi aplicado no mês de junho/2018 em quatro salas de aula em uma Instituição Privada de Ensino em São Paulo. As análises descritivas e cruzadas dos questionários foram efetuadas com software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 14.0.

Os testes não-paramétricos tiveram resultados no Nível de Significância superiores a 0,05 para todas as questões do questionário tanto no quesito sexo quanto período de nascimento, indicando que a análise dos dados pode ser efetuada como um conjunto único, pois não foi identificada diferença de percepção entre aos alunos da amostra.

Responderam ao questionário 106 alunos, sendo 91 do Curso de Administração de Empresas e 15 do curso de Ciências Contábeis, sendo 61,3% do sexo masculino e 38,7% do sexo feminino. A maioria - 57,5% - nasceu entre 1991 e 1997, 17,9% entre 1998 e 1999 e 14,2% entre 1999 e 2000, ou seja, todos os respondentes são alunos-milênios, conforme tabela 1:

Tabela 1 – Alunos respondentes das pesquisas em sala de aula, por período de nascimento e sexo

Sexo	Período de Nascimento					Total
	Antes de 1990	Entre 1991 e 1997	Entre 1998 e 1999	Entre 1999 e 2000	Não respondeu	
Masculino	9,2%	61,5%	10,8%	15,4%	3,1%	61,3%
Feminino	4,9%	51,2%	29,3%	12,2%	2,4%	38,7%
Total	7,5%	57,5%	17,9%	14,2%	2,8%	100,0%

Elaborada pelos autores

3.1 Relação Professor-Aluno

A relação professor-aluno é um dos aspectos que se destaca dos resultados da pesquisa, já que 74,5% concordam com a afirmação “Para gostar da disciplina é preciso gostar do professor”. Já a frase “**Não** gostava de uma disciplina, mas o professor me fez gostar dela” teve a concordância de 73,2% dos alunos-milênios respondentes. Enquanto que a afirmação “Eu gostava de uma disciplina, mas por causa do professor eu deixei de gostar dessa disciplina” teve a concordância de 89,6% dos respondentes.

A importância identificada nesta pesquisa para relação professor-aluno já tem abordagens e análises que, nesta oportunidade, se confirmam, já que "a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo" e as formas com que se dá a relação professor-aluno são mediadas pela afetividade que tem influência sobre o processo de aprendizagem, considerando que o aluno pode se aproximar do professor nos momentos informais para expressar suas opiniões, troca de ideias e experiências, que podem ser utilizadas em sala de aula (ANTÓNIO e MANUEL, 2015).

Citando Gramsci (2001), António e Manuel (2015) mencionam que o professor deve assumir o papel de guia para seus alunos, aproximando-se e retirando obstáculos de forma a construir vínculos autênticos e duradouros, caminhando junto, enquanto aponta o caminho. O objetivo é deixar o aluno caminhar por seus próprios meios assim que se sintam capazes.

3.2 A tarefa de ensinar e o papel do professor

Reforçando a percepção sobre a importância do professor no processo educacional, 49,5% entendem que o professor é um transmissor de conhecimento, 25,7% que é um parceiro que participa e promove a aprendizagem individual e coletiva e 18,1% dizem que o professor é um facilitador da aprendizagem. Com relação ao objetivo do professor em sala de aula, 35,2% dizem que o principal objetivo é estimular a reflexão crítica, 28,6% se referem ao relacionamento dos conceitos e competitivos no mercado e 22,9% entendem que o professor é um transmissor do conteúdo da grade curricular.

Tais aspectos confirmam o ensinamento de Masetto no sentido de que a tarefa de ensinar não exige apenas uma capacitação específica, experiência profissional ou bacharelado, mesmo diploma de mestre ou doutor, e sim, competência pedagógica, visto que sua missão é “colaborar eficientemente para que seus alunos aprendam.” (MASETTO, 2012, p.15). Também confirma que o professor precisa ter metas e objetivos, sabendo sobre o que vai ensinar dando conta de todos os aspectos relacionados ao processo ensino-aprendizagem, inclusive do aluno “concreto, real, a do conhecimento, a das estratégias de ensino, e a do contexto cultural e histórico em que se situam” (TUNES et.al, 2005).

3.3 Motivações dos alunos para o aprendizado

Estudo conduzido por Dos Santos, Mognon, De Lima e Cunha (2011) concluiu que os “resultados indicaram correlação significativa e positiva entre a meta aprender e o fator habilidade do estudante, e negativa para os dois fatores: envolvimento em atividades não obrigatórias; condições para o estudo e desempenho acadêmico” (DOS SANTOS ET ALL, 2011).

Dos Santos et al. (2011) afirmam que a universidade é cada vez mais a referência para o sucesso profissional, ou seja, o desempenho na universidade terá reflexo na vida profissional e pessoal dos estudantes. Dessa forma, "a aquisição de novos conhecimentos, uma nova visão global da adequação à profissão, o contato com novos valores e crenças, questionamentos e experiências acadêmicas e sociais" proporcionam, ao fim e ao cabo, amadurecimento pessoal, especialmente os mais jovens (DOS SANTOS ET AL., 2011).

Dessa forma., 70,7% dos estudantes da amostra esperam que o ensino universitário os prepare para o mercado e conhecimento acadêmico, enquanto 14,1% entendem que é a preparação para o trabalho e 10,4% mencionam o conhecimento acadêmico.

Quando questionados sobre qual o aspecto é mais desmotivador em sala de aula destacam-se dois aspectos: o primeiro advém da percepção de que a disciplina não é aplicável à vida prática como mencionado por 39,0% dos pesquisados, enquanto que 36,2%, ao mencionar o estilo de aula do professor, reforçam a importância do professor como mencionado no início destas análises.

No quesito sobre o que motiva a frequência na universidade, 43,8% dos respondentes mencionam que participar de atividades como forma de desenvolvimento do aprendizado é o aspecto que mais os estimula, enquanto que 23,8% dizem ser a possibilidade de encontrar colegas e professor para discutir e refletir sobre o conteúdo das disciplinas. Não menos importante é a menção ao desejo de evolução como ser humano apontado por 14,3% como

motivador para frequência à universidade, seguido por não ser reprovado em faltas, opção de 13,3%.

3.4 Novas Mídias e as Práticas Pedagógicas

Segundo Moran (2013), o protagonismo do aluno surge com o uso da Internet, pois professor passa a ser o mediador na construção do conhecimento. Em uma pesquisa de campo seguida de estudo de caso na disciplina de Geografia em uma escola fundamental com o uso das mídias e de tecnologias digitais, Kemec e Dal Forno (2011) verificaram grande interesse dos alunos na realização das atividades propostas e, pelos satisfatórios resultados alcançados, foi possível ter clareza quanto ao aprendizado, numa demonstração de que, mesmo no ensino fundamental, se constata a relevância das mídias digitais para a prática docente e sua significativa contribuição no processo de ensino-aprendizagem

O cruzamento das questões sobre a metodologia utilizada para explicação do conteúdo da disciplina e os recursos preferidos, nas quais era possível respostas múltiplas, demonstrou que 28,5% dos alunos participantes têm preferência pelo estudo de casos independentemente do recurso utilizado, em seguida 17,6% optam por aula teórica, 15,6% por listas de exercícios ou questionários, 13,2% preferem casos práticos, 11,8% optaram pelo laboratório de informática, enquanto 10,0% por atividades externas e 3,3% preferem visitas à empresas. Com relação aos recursos preferidos pelos alunos-milênios que participaram da pesquisa, o trabalho em grupo é indicado por 20,2%, enquanto que a utilização de vídeos é preferido por 20,0%, o uso de data show é o preferido por 18,1%, internet (14,5%), aula teórica – tradicional (14,1%) e o laboratório de informática (13,0%), conforme tabela 2:

Tabela 2 – Cruzamento das questões sobre a metodologia utilizada para explicação do conteúdo da disciplina x recursos preferidos

Você prefere que a matéria seja explicada – assinale todas opções que você prefere:	Quais recursos você prefere que o professor use em sala de aula?						Percentual por linha
	uso de Data show	aula teórica	trabalho em grupo	vídeos	Lab de informática	Inter-net	
Estudo de caso	16,7%	19,7%	16,2%	18,7%	16,7%	18,3%	28,5%
Estudo da teoria	16,7%	20,5%	11,4%	11,4%	8,3%	10,8%	17,6%
Exercícios/questionários	11,3%	9,4%	9,0%	10,2%	11,1%	9,2%	15,6%
Casos práticos	27,3%	28,2%	30,5%	27,1%	28,7%	29,2%	13,2%
Lab. de informática	2,7%	1,7%	4,2%	1,8%	8,3%	1,7%	11,8%
Atividades externas – Bolsa de Valores, p. ex.	10,0%	9,4%	12,0%	13,3%	12,0%	14,2%	10,0%
Visitas às empresas	15,3%	11,1%	16,8%	17,5%	14,8%	16,7%	3,3%
Percentual por coluna	18,1%	14,1%	20,2%	20,0%	13,0%	14,5%	

Elaborada pelos autores

Por outro lado, os alunos preferem que devem ser utilizados com mais frequência os recursos como vídeos indicado por 39,3%, Internet foi mencionada por 22,1%, laboratório de informática apontado por 20,7% e o uso de data show, utilizado nas quatro salas pesquisadas, é mencionado por 17,9%.

Se de um lado o uso de recursos tem importância para os alunos participantes da pesquisa, parece não ser uma surpresa o fato de que 55,3% dos alunos-milênios terem indicado

que a exposição dialogada é a estratégia usada com mais frequência, o que pode ser entendido como um distanciamento entre o desejo dos alunos e a prática do professor. Já o trabalho em grupo e discussões em plenária foram mencionados por 9,5% e 5,7% respectivamente. O uso misto dessas estratégias foi a opção de 29,5% dos participantes da pesquisa.

Perguntados sobre os recursos que deveriam ser utilizados com mais frequência pelos professores 39,3% dos alunos citaram, em resposta única, a utilização de vídeos como instrumento de apoio ao ensino; 22,1% mencionaram a Internet e 20,7% o uso do laboratório de informática como recurso a ser mais utilizado. Já a utilização de slides foi a escolha de 17,9%. O uso do laboratório de informática e a internet, para os alunos dos cursos envolvidos neste estudo, têm importância adicional haja vista que a pesquisa e análise de estudos de casos se tornam mais dinâmicos e atraentes com a utilização de softwares específicos e consultar via internet. A opção pelos recursos de laboratório e internet, vai ao encontro do que mencionam Corradini e Mizukami (2016), ou seja, que a utilização desses recursos alteram a relação professor-aluno, no sentido de ser uma parceria visando construir o conhecimento e elaborar novas maneiras de estabelecer relações de pensamento de modo a facilitar ao aluno do uso conhecimento, com a integração entre pensar, sentir e agir.

O ambiente da faculdade que mais favorece sua concentração e atenção à aula, segundo 53,8% dos respondentes das quatro turmas é aquele em que é possível conviver com pessoas que queiram desenvolver atividades construtivas, produtivas e de interesse geral. Já para 32,8%, o ambiente deve ser ambiente estimulante e descontraído. Os demais 11,5% optaram por atividades esportivas (5,9%), exercícios no computador (5,9%) e atividades na biblioteca (1,7%).

A estrutura e a organização da instituição também foram indicadas como importantes para o nível de aproveitamento dos alunos, pois as chamadas aulas dobradas são as preferidas por 29,5%, seguida das aulas com mais de uma disciplina por turno opção preferida por 27,6%. As atividades em grupo foram indicadas como de melhor aproveitamento por 21,0%. Enquanto 20,0% dos alunos entendem que um misto entre conteúdos a distância e aula presencial é o que melhor oferece aproveitamento. O Ensino à Distância – EAD foi a opção de 1,9%.

O ambiente acadêmico que favorece a concentração e atenção à aula para 53,8% dos alunos-milênios participantes é aquele que favorece o convívio com pessoas que desejam desenvolver atividades construtivas, produtivas e de interesse, 32,8% dos estudantes da amostra mencionam um ambiente estimulante e descontraído. O restante se dividiu entre atividades esportivas (5,9%), exercícios no computador (5,9%) e atividades na biblioteca (1,7%).

O celular é plenamente utilizado em sala de aula pelos estudantes que participaram da amostra, que em respostas múltiplas (153 respostas), 47,1% entendem que o uso do celular contribui para promover a troca de conhecimento ou ilustrar algo discutido em sala de aula, enquanto a criação de grupos no WhatsApp (15,0%), a atratividade para o aprendizado (15,0%) e o uso para atividade complementar (14,1%) são as demais indicações, sendo que apenas 8,5% desaprova o uso do celular.

Ao serem questionados sobre se a instituição ou professor deveriam fazer uso de mídias sociais, os alunos tinham a opção de assinalar múltiplas respostas (153 respostas), tendo indicação de 51,0% para conversar com os contatos, pesquisar conteúdo comentado em sala de aula ou para leitura as notícias do dia ou assuntos de interesse. Já a utilização apenas para conversar com os contatos foi a opção de 19,6%, apenas pesquisa de conteúdo comentado em sala de aula foi mencionado por 15,7% e a leitura as notícias do dia ou assuntos de interesse foi

a indicação de 9,8%. O restante, 3,9% dos respondentes dizem não indicar o uso de mídias sociais em sala de aula.

4. Considerações finais

Estamos vivendo um contexto social de grandes transformações no qual as relações humanas vêm mudando e, ao que tudo indica, ainda mudarão bastante. Neste cenário, estão inseridos os alunos-milênio e os professores que em sua maioria pertencem a outra geração. Ora, o conflito de gerações não é uma novidade e vem perdurando nos choques de gerações do presente e do passado, e provavelmente, poderá perdurar por muito tempo ainda. O fato é que esta nova geração, mais tecnológica pode transmitir a impressão de que só grandes novidades em sala de aula serão suficientes para estimular o seu envolvimento para a aprendizagem. Entretanto, com base nesta pesquisa, o que foi revelado é que a relação entre professor e aluno, a mais antiga e menos tecnológica ferramenta didática ainda é o recurso mais importante.

Estabelecer conexão em sala de aula, olhar nos olhos dos alunos e entender as suas necessidades continuará sendo o grande desafio dos professores neste novo milênio.

Os alunos-milênio não querem monotonia, nasceram em uma época de múltiplos estímulos, com variedade de mídias possibilitando acesso a um volume crescente de informações.

Em um experimento conduzido por Felisoni & Godoi (2018), foi constatado que o desempenho discente é afetado pelo número de horas que aluno utiliza o celular, especialmente quando o faz em sala de aula. Dessa forma, devem ser estabelecidos critérios para uso do dispositivo móvel para evitar o efeito negativo constatado no referido estudo, já que os jovens estudantes frequentemente superestimam sua capacidade de realizar multitarefas.

O resultado desse experimento parece confirmar a perspectiva de M. M. Oliveira e Giacomazzo (2017) de que não basta aos indivíduos o desenvolvimento de competências e habilidades no tocante ao uso de tecnologias digitais, como a seleção, avaliação e interpretação das informações no sentido de se transformarem em conhecimento, mas também a capacidade em se apropriar e agir de forma crítica frente às informações mediadas por essas tecnologias.

As novas gerações de alunos têm expressivas expectativas para um novo modelo de aprendizagem, que demanda as adoções às novas tecnologias e um professor consultor, muito mais do que o “professor empreendedor” ou mentor do conhecimento. Sabe-se, portanto, que uma boa aula deve ter vários componentes e não apenas um novo “lay-out” da sala, mas principalmente àquele que dá a orquestração da aula, ou seja, a figura deste “maestro” tem como missão entender os vários instrumentos musicais, parafraseando, a sua maestria na boa condução e harmonia de uma aula fazendo o uso dosado da teoria, práticas e dinâmicas em sala de aula e a adoção das novas tecnologias aplicadas a aprendizagem do aluno.

Assim, é saudável identificar que a relação professor-aluno, um dos aspectos que mais se destaca neste trabalho, é mencionado por três em cada quatro alunos-milênio que participantes da pesquisa que entendem que professor e disciplina são indissociáveis, como se depreende da elevada concordância (74,5%) com a afirmação “para gostar da disciplina é preciso gostar do professor”.

Esta pesquisa revelou que 49,5% dos alunos-milênio acreditam que o papel do professor seja transmitir conhecimento, possivelmente, porque é desta forma que o professor se apresenta, alguém que detém grande conhecimento e o transmite, visto que 55% dos alunos-milênio assistem aulas expositivas como principal recurso didático. Mas qual será a eficiência deste método em um cenário em que conhecimento é cada vez mais democratizado na internet?

Não será, então, o momento de facilitar a aquisição da informação, orientando os alunos sobre as melhores escolhas e ainda estimular a reflexão crítica? E voltando ao problema de pesquisa deste trabalho: quais são as práticas docentes no ensino superior mais capazes de promover envolvimento, interesse e satisfação dos alunos-milênio, pode-se responder da seguinte forma com base nos resultados obtidos neste estudo:

1. Promover um ambiente em sala de aula com pluralidade de recursos didáticos (trabalho em equipe, estudos de casos, aula expositivas etc...) estabelecendo a conexão com o conteúdo acadêmico e as práticas do mercado, para que faça sentido e esteja alinhado com o interesse dos alunos-milênio que buscam no curso superior a preparação para o mercado de trabalho.
2. Elevar a relação entre professor e aluno para a categoria de recurso pedagógico fundamental e indispensável para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra porque mesmo com toda tecnologia que nos cerca, ainda somos humanos e aprendemos com nossas relações sociais.

A principal contribuição deste trabalho é expor o pensamento de uma amostra de alunos que desmistifica a questão da tecnologia e o envolvimento com a aprendizagem, podendo estimular uma reflexão crítica docente no sentido de repensar suas práticas em sala de aula e estimular o relacionamento com seus alunos como um recurso pedagógico. E para estudos futuros, recomenda-se a ampliação da amostra considerando alunos em universidades e períodos diferentes propiciando uma análise mais segmentada que permita aprofundar o entendimento sobre o tema.

Referências

- ANTÔNIO, Luisa Anunciação David; MANUEL, Janice Alexandra Costa. (2015). Importância da relação professor - aluno na educação superior. In *XII Congresso Nacional de Educação*. Retrieved from http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22201_10845.pdf
- BASEI, Andréia Paula (2011). As ações pedagógicas do professor de educação física do ensino superior: analogias com a trajetória formativa. *Acta Scientiarum. Education*, 33(1), 37–47. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v33i1.11169>
- CORRADINI, Suely Necessian; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti (2016). Práticas pedagógicas e o uso da informática. *Revista Exitus*, 3(2), 85–92. Retrieved from <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/152/152>
- CRESWELL, John W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (Artmed, Ed.) (2a.). Porto Alegre. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- DIAS, Marco Antônio; NUNES, Edison (2017). *Mercado e Educação: Cenário atual do Ensino Superior Brasileiro*. Refas - Revista Fatec Zona Sul (Vol. 3). São Paulo: FATEC Zona Sul. Retrieved from <http://www.revistarefas.com.br/index.php/RevFATECZS/article/view/78/101>
- DOS SANTOS, Acácia Aparecida Angeli; MOGNON, Jocemara Ferreira; DE LIMA, Thatiana Helena; CUNHA, Neide Brito (2011). A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP*. Brazil. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000200010>

- FELISONI, Daniel Darghan; GODOI, Alexandra Strommer. (2018). Cell phone usage and academic performance: An experiment. *Computers and Education*, 117, 175–187. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2017.10.006>
- FOMBONA, Javier; COTO, Victor; CALDEVILLA, David (2015). Mobile augmented reality interaction: an approach to the phenomenon. *Informação & Sociedade: Estudos*, 3(25), 117–129. Retrieved from <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/21862/14532>
- FORTE, Denis; BENI, Priscila (2017). Refletindo sobre o Desempenho Docente em sala de aula a partir de um framework de análise o CHA (Conhecimento, Habilidade e Atitude). *Revista Pandora Brasil*, 80. Retrieved from http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/desafios_80/denis_priscila.pdf
- FREIRE, Paulo (2001). Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, 15(42). [https://doi.org/DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013](https://doi.org/DOI:https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013)
- GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; FERNANDES, Letícia Carvalho Belchior Emerick. (2014). Educação e tecnologia: O telefone celular como recurso de aprendizagem. *EccoS – Revista Científica*, 0(35). <https://doi.org/10.5585/eccos.n35.4262>
- GUÉGUEN, Nicolas; MARTIN, Angélique; ANDREA, Castano Rio (2015). “I am sure you’ll succeed”: When a teacher’s verbal encouragement of success increases children’s academic performance. *Learning and Motivation*, 52, 54–59. <https://doi.org/10.1016/j.lmot.2015.09.004>
- GURLAND, Suzanne T.; EVANGELISTA, Jessie (2015). Teacher–student relationship quality as a function of children’s expectancies. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(7), 879–904. <https://doi.org/10.1177/0265407514554511>
- JARDILINO, José R. L.; DO AMARAL, Derly J.; LIMA, Delmário F. (2010). A interação professor-aluno em sala de aula no ensino superior: o curso de administração de empresas. *Revista Diálogo Educacional*, 10(29), 101–119. Retrieved from <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/3064/2992>
- JUNGES, Kelen dos Santos BEHRENS, Marilda Aparecida (2016). Uma formação pedagógica inovadora como caminho para a construção de saberes docentes no Ensino Superior. *Educar Em Revista*, (59), 211–229. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.42282>
- KEMEC, Flávia Pacheco; DAL FORNO, Gédson Mário Borges (2011). uso das mídias na prática docente: um estudo a partir da escola de ensino fundamental oliveiro thaddeo. *Manancial - Repositório Digital Da UFSM*, 1–17. Retrieved from <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2283>
- KERMAD, Alyssa; KANG, Okim O. (2018). Teacher-Student Relationships. *The TESOL Encyclopedia of English Language Teaching*, 1–6. <https://doi.org/10.1002/9781118784235.eelt0146>
- KLEIN, Edna Lampert; VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos (2018). Possibilidades e desafios da prática de aprendizagem colaborativa no ensino superior | Klein | Educação (UFSM). *Revista Educação*, 4(43), 667–698. <https://doi.org/10.5902/1984644429300>

- KOWSKE, Brenda J.; RASCH, Rena; WILEY, Jack (2010). Millennials' (Lack of) Attitude Problem: An Empirical Examination of Generational Effects on Work Attitudes. *Journal of Business and Psychology*, 3(2), 265–279. <https://doi.org/10.1007/s10869-010-9171-8>
- LUCENA, Simone (2016). Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. *Educar Em Revista*, (59), 277–290. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.43689>
- MASETTO, Marcos T. (2010). *O professor na hora da verdade. A prática docente no ensino superior*. (Avercamp, Ed.) (1st ed.). São Paulo. Retrieved from <https://www.saraiva.com.br/o-professor-na-hora-da-verdade-a-pratica-docente-no-ensino-superior-3546095.html>
- _____ (2012). COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. Retrieved _____ from <http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/681805.pdf>
- MEIRELLES, Fernando S. (2018). *29ª Pesquisa Anual do Uso de TI*. São Paulo. Retrieved from <https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2018gvciappt.pdf>
- MORAN, José (2013). *Educação e Tecnologias: Mudar para valer!* (Papirus, Ed.) (21st ed.). Retrieved _____ from http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/educatec.pdf
- O'BANNON, Blanche W.; THOMAS, Kevin (2014). Teacher perceptions of using mobile phones in the classroom: Age matters! *Computers and Education*, 74, 15–25. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2014.01.006>
- OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes (2017). Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação Adolescence, internet and time: challenges for Education. *Educar Em Revista*, (64), 283–298. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47048>
- OLIVEIRA, Michele Mezari; GIACOMAZZO, Graziela Fatima (2017). Educação e cidadania: perspectivas da literacia digital crítica. *EccoS Revista Científica*, (43), 153–174. <https://doi.org/10.5585/EccoS.n43.7393>
- OLIVEIRA, V. S.; SILVA, R. F. (2012). Ser bacharel e professor: dilemas na formação de docentes para a educação profissional e ensino superior. *HOLOS*, 2(0), 193. <https://doi.org/10.15628/holos.2012.913>
- PADILHA, Maria Auxiliadora Soares; ZABALZA, Miguel Angel (2016). Um cenário de integração de tecnologias digitais na educação superior: em busca de uma coreografia didática inovadora. *Revista E-Curriculum*, 14(3), 837–863. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76647706005>
- Papastergiou, Mrina (2009). Digital Game-Based Learning in high school Computer Science education: Impact on educational effectiveness and student motivation. *Computers and Education*, 52(1), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2008.06.004>
- POKER, Rosimar Bortolini; MELLO, Antonio dos Reis Lopes (2016). Inclusão e Formação do Professor. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 16, 619–624. <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12193>
- Prensky, Marc (2001). Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. *On the Horizon*, 9(5), 1–6. <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>

_____. (2005). What Can You Learn from a Cell Phone? Almost Anything! *Journal of Online Education Innovate: Journal of Online Education*, 1(5). Retrieved from <http://nsuworks.nova.edu/innovate>

_____. (2008). Teaching digital natives: partnering for real learning. *On the Horizon*, 9(5), 1–14. <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>

QUINTANILHA, Luiz Fernando (2017). Inovação pedagógica universitária mediada pelo Facebook e YouTube: uma experiência de ensino-aprendizagem direcionado à geração-Z. *Educar Em Revista*, (65), 249–263. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50027>

RODRIGUES, Alessandra; DE ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando (2017). Currículo, narrativas digitais e formação de professores: Experiências da pós-graduação à escola. *Revista Portuguesa de Educação*, 30(1), 61. <https://doi.org/10.21814/rpe.8871>

SAMPAIO, Patrícia Alexandra da Silva Ribeiro (2016). Desenvolvimento profissional dos professores de Matemática: uma experiência de formação em TIC. *Revista Portuguesa de Educação*, 29(2), 209. <https://doi.org/10.21814/rpe.2987>

SILVA JUNIOR, João dos Reis; LUCENA, Carlos; FERREIRA, Luciana Rodrigues (2011). As relações entre o ensino médio e a educação superior no Brasil: profissionalização e privatização, 32(116), 839–856. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a12v32n116.pdf>

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel; E SILVA, Fernanda Arantes (2014). A pesquisa sobre jovens no Brasil : traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, (44), 1–24. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201712170308>

WASHBURN, Earl R. (2010). Are you ready for generation X? *Physician Executive*, 26(1), 51–57. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10788119>

WELLER, Wiviam (2010). A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, 25(2), 205–224. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>